



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

(Continuado do número anterior)



ECTIVAMENTE, um quarto de hora passado, o som da buzina atraíu a atenção de Bernarda que logo se dirigiu para o amplo portão, a fim de o abrir, impaciente por ver as mercas do seu Miguel.

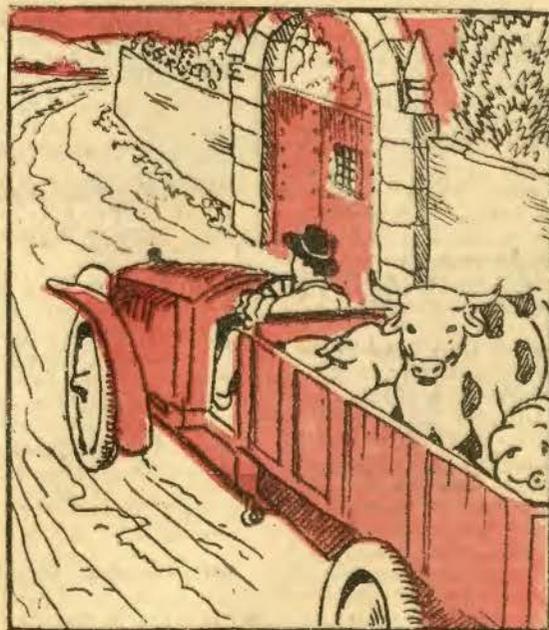
A medida que se ia aproximando a «camionette», aumentava a curiosidade de Bernarda, surpreendida ao notar que o seu Miguel trazia, cuidadosamente, ao colo, um invólucro estranho que, docemente,

afagava.

— «Um bacorinho doente...!» disse, de si para si, Bernarda compungida. Qual não foi, porém, o seu espanto ao ver o ar sorridente do seu «home» clamando, galhofeiro, ao mesmo tempo que erguia o estranho volume:

— «Alegra-te, moça, que já aqui tens um filho!» e, ante a muda interrogação de Bernarda, acrescentou com toda a ingenuidade e a melhor boa fé:

— «Um engeitadinho, um exposto!... Encontrei-o, há pouco, de volta da feira, à beira dum riacho, junto à estrada da Várzea. Atraí-me a atenção os berros do pimpolho. Parei a «camionette», olhei em volta e pesquizei, pesquizei a ver se encontrava alguém, Viv'alma!... Um pobre engeitadinho... disse comigo, então. Raios! Para que Deus dá filhos!... Condoído do pobre inocentinho que chorava, peguei nêlo ao colo e viu-o rir-se para mim. Senti cá dentro uma coisa e, lembrando-me, então, que... não tendo nós, infelizmente, nenhum, poderíamos criá-lo e adoptá-lo. Pois sim, cachopa?! Bem vai?!...»



A' medida que se ia aproximando a «camionette»

(Continua na página 4)



O LAÇO DE FITA AZUL

por Mimi Grandela
Desenhos de Castañe

A' minha muito querida tia Alda



GILBERTO Ernesto, era um pobre fidalgo arruinado; a maior felicidade que tinha no mundo era sua irmã Diana, mais velha do que ele apenas 3 anos mas que, por desgraça, era cega de nascença.

Diana, a pesar de ser cega, era linda e consideravam-na uma perfeita fadazinha ao lado das mais formosas raparigas do bairro onde morava.

Gilberto Ernesto e Diana vi-

viam sómente um para o outro, pois eram sózinhos no mundo.

Em tempos, haviam sido ricos, principalmente quando sua Mãe era viva, pois o velho fidalgo Pai de Gilberto Ernesto e de Diana, um jogador vicioso, só tinha mão em si quando ouvia as súplicas de sua esposa, uma bondosa senhora que morrera ralada de desgostos em poucos anos.

O Pai de Gilberto Ernesto, após a morte de sua mulher, passava as noites fóra de casa, jogando consecutivamente até que, um dia, não tendo dinheiro com que pagar as suas dívidas e tendo a sua palavra comprometida, resolveu pôr termo à existência, pois o Pai dos dois irmãos, a pesar de ter aquele maldito vicio, era honrado e tinha brio no seu nome que por todo o lado era respeitado.

Gilberto Ernesto e Diana ficaram pois bem cedo órfãos. Ele com 16 anos e ela com 19. O rapaz habituou-se a contar toda a sua vida áquela irmã, em que ele punha todo o seu amor e todo o seu cuidado, para que, a pesar de pobre, nada lhe faltasse.

Ora foi numa alegre tarde de Maio, que Gilberto Ernesto teve, pela primeira vez, de participar à sua querida irmã, que a abandonava, em serviço de el-rei, seu Senhor, pois o rapaz era um dos alferes da Corte.

Aconteceu que, estando o país em guerra com os Nobres, S. Magestade viu-se, de um momento para o outro, sem

tropas suficientes para combater os revoltosos que, cada vez mais, pareciam aumentar em número.

Lembrou-se S. M. de mandar um emissário buscar recursos à provincia, mas ninguém se oferecia para tão arriscada empresa, pois aquele que lá fôsse tinha que passar, de perto ou de longe, pelas linhas das tropas revoltosas, arriscando-se, á que o fusilassem.

Gilberto Ernesto, dotado de grande valentia, resolveu ir apresentar os seus préstimos a el-rei, o qual, contentissimo, aceitou logo.

O rapaz inspirava-lhe confiança.

Ficou combinado que Gilberto Ernesto partiria no dia seguinte de manhã em busca da morte ou da glória.

O que mais lhe custou, foi o despedir-se de sua irmã.

Esta, coitadinha, sentada numa cadeira, acariciava um gatinho, que tinha ao colo, quando sentiu o irmão entrar.

— E's tu Gilberto Ernesto? perguntou Diana, mal sentiu o irmão aproximar-se.

— Sou sim, querida irmãzinha.

— Hoje vieste mais cedo, aconteceu-te alguma coisa? tornou ela.

— Nada, meu amôzinho; mas tenho que ter uma longa conversa contigo, que será bem triste para ti.

— Triste para mim? perguntou ela, já aflita.

— Sim, triste para nós dois, prosseguiu Gilberto Ernesto.

E o rapaz contou á irmã que se ia separar dela, e qual a razão porque o fazia.

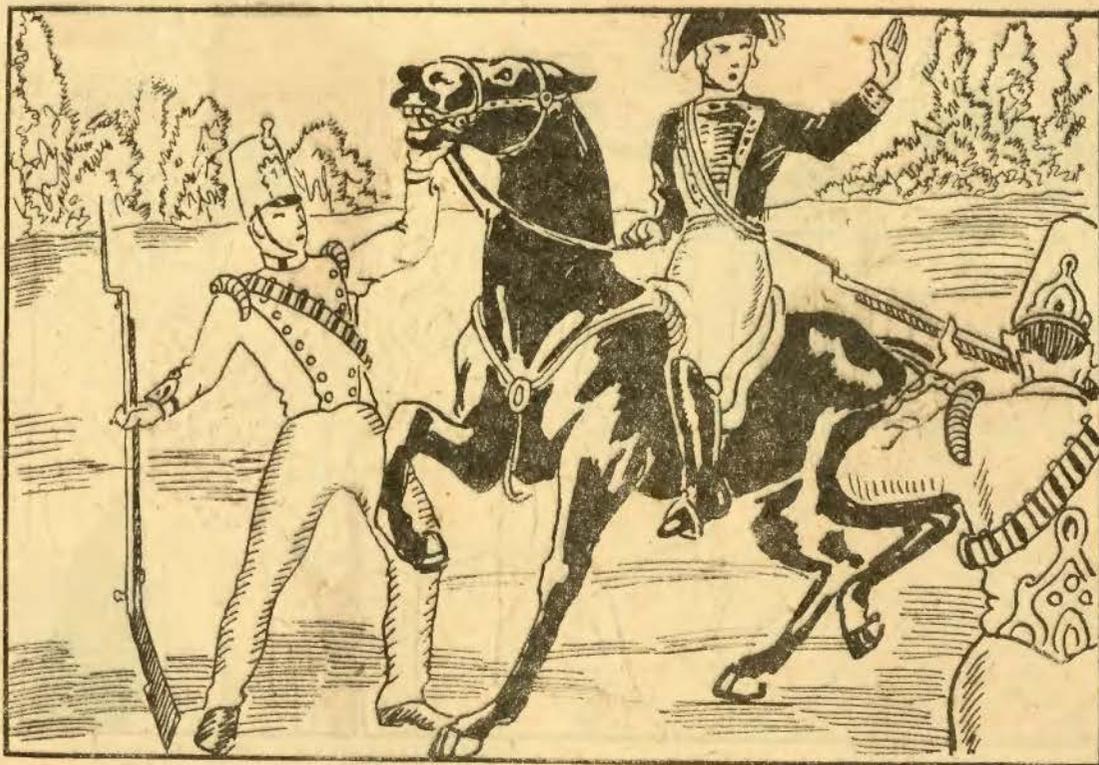
Diana todo o resto do dia e toda a noite, levou a chorar sem descanço.

Chegou, finalmente, amanhã seguinte.

Quando Gilberto Ernesto se foi despedir da irmã, esta entregou-lhe um lacinho de fita azul, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— «Meu adorado irmão, leva este lacinho para que, nos transe mais aflitivos por que passes, ao olhares para ele, te lembres sempre que a tua irmãzinha está pedindo a Deus por ti, para que Ele te proteja durante essa perigosa missão, que fôste buscar por tua própria voutade».





Gilberto Ernesto agradeceu à irmã, com as lágrimas nos olhos o lacinho que logo pôs na lapela do casaco.

Dirigiu-se ao palácio real onde S. Magestade o recebeu com cordeal afecto.

El-rei entregou-lhe uma carta, pedindo-lhe por tudo que, se fôsse feito prisioneiro e o submetessem aos mais atrozes martírios, nunca revelasse aos Nobres, que tinha aquella carta em seu poder.

Gilberto Ernesto jurou que a carta nunca saíria das mãos dele, a não ser que lhe tirassem à força.

Partiu depois para o seu destino, cheio de esperança.

Andados alguns quilómetros, apoiou-se do cavalo e, tirando o relógio do pulso, abriu-o e introduziu-lhe dentro, no lugar da máquina, a carta que S. Magestade lhe dera, pois Gilberto Ernesto, tinha tido o cuidado de, em sua casa, lhe ter tirado o maquinismo, já com o intuito de lá esconder a preciosa carta.

Montou novamente e seguiu. Quando chegava próximo ás tropas inimigas, começou a chover torrencialmente, obrigando-o a levantar a gola do casaco.

Caminhou com mais precaução quando viu uma sentinela que rondava a estrada. Ao aproximar-se, a sentinela viu-o, e, dando o alarme, o rapaz foi immediatamente preso.

Interrogaram-no, mas êle, por mímica fingia, que era surdo-mudo.

Um dos capitães dos revoltosos, desconfiou que Gilberto Erneste fôsse algum espião que arranjava aquele estratagemma para não desconfiarem dele, e para o obrigar a falar ordenou a dois soldados que o puzessem nã da cintura para cima e lhe applicassem 50 chicotadas. Estes executaram prontamente a ordem dada mas, ao pôrem-lhe a gola para baixo, repararam no laço azul que Gilberto Ernesto ainda conservava na lapela.

O official, êsse mesmo, pediu por mímica, mil perdões ao rapaz, porque, desde que viu o laço, o julgou efectivamente surdo-mudo, e fez-lhe comprehender que para a outra vez mostrasse immediatamente o laço, se não queria passar por mais sensaborias.

Já a caminho, de novo, Gilberto Ernesto pensava consigo o que queria dizer o laço, para o terem deixado passar, e o capitão tê-lo advertido que o mostrasse sempre pelos destacamentos porque passasse, quando reparou noutra sentinela.

Esta, como a primeira, deu o alarme ao vêr o cavaleiro, mas quando o rapaz lhe mostrou o laço, os soldados, tódos,

abriram o casaco para o lado, mostrando também cada um pregado à camisa, um laço azul, igual ao dele.

Só, então, é que o irmão de Diana percebeu.

O laço azul devia ser o sinal combinado entre os revoltosos para saberem que tódo aquele que o trouxesse, não era espião, mas sim do partido contra S. Magestade.

— «Mas que coincidência fantástica!» pensava Gilberto Ernesto, sempre que tinha de mostrar o laço. «Não há dúvida que a minha irmãzinha tem pedido a Deus por mim. E uma santa a minha Diana!»

Quando Gilberto Ernesto atravessou o décimo quarto destacamento, estava o perigo passado. Havia transposto o inimigo.

Chegado sem novidade de maior ao quartel general, pediu para falar ao official do dia. Imediatamente o introduziram num gabinete onde se encontrava um capitão de aspecto severo.

— Meu capitão, — (princiou Gilberto Ernesto,) — venho da parte de El-rei, nosso senhor, em missão importante.

Dizendo isto, o nosso alferes abriu o relógio e tirou de dentro a carta de S. Magestade, entregando-a em seguida ao capitão.

Estê, depois de a ter lido, tocou uma campainha e appareceu, quasi ao mesmo tempo, um soldado.

— Manda tocar a reunir, disse-lhe o capitão. «E, voltando-se para Gilberto: diga-me uma coisa, como conseguiu chegar aqui sem perigo?»

Gilberto Ernesto ao acabar de narrar o que lhe acontecera, viu que o seu superior parecia não querer acreditar.

— Meu capitão, previno-o, de que, se quiser passar com os seus homens a salvo, têm de levar tódos o laço azul, rematou Gilberto Ernesto.

— Isso é fácil, mas parece-me que teremos muitas sensaborias.

Eram 7 horas da manhã, quando Gilberto Ernesto, o capitão e mais 200 soldados, entravam na cidade, são e alegres.

Dirigiram-se tódos para o palácio real.

Chegados à corte, S. Magestade mandou introduzir o capitão e o alferes, numa sala particular, destinada só a receber personagens importantes.



— «Alegra-te, moça, que já aqui tens um filho!...»

(Continuação da página 1)

— «Bem vai, «home» e Deus o crie para bem!» voltou, radiante, a bondosa Bernarda, pegando nêlo ao colo. O pequenino, entretanto, desatou a chorar, chupando furiosamente num dos rebordos da mãozinha direita.

— «Tem fominha, coitado! Pega nêlo «home». Vou lá riba ao solar, pedir à senhora Condessa o «biberon» da menina, que bom leitinho nunca lhe há-de faltar, se Deus quizer».

Dez minutos após, junto à portinha da casa do feitor, enquanto Bernarda, com êle ao colo, artificialmente o amamentava, enchiam-no de carícias e mimos Jorginho e Fina, a senhora Condessa, D. Ana, Frei Bento, Marta e Maria, ao mesmo tempo que iam exclamando em côro: — «Mas que lindo, que lindo, que lindo! Que engraçadinho que êle é!...»

E foi dia de festa em casa do feitor.

«Trinca-Páu» era o nome de cartaz do salvador de Rosa. Projinha-lhe a alcunha da habilidade que exibia em público e que consistia no facto de conseguir partir com os dentes pedaços grossos de madeira. Velho saltimbanco, dera com a aflicção de Rosa, à mercê da corrente, por acaso, ao afastar-se um pouco, (com o fim de ir buscar água ao rio,) da sua companhia; — a «Micas» com quem vivia há vinte e cinco anos, fiel companheira com perto de cinquenta, e dois contractados, o «Espirra-canivetes» um garotão esgrouviado de dezassete e «Larica», moreninha de olhos castanhos que tinha quinze apenas, acrobatas e, simultaneamente, equilibristas, além dum urso amestrado, um macaco, um burro, um macho e um cão.

Uma galera forrada de Iona, duas barracas de campanha, uma «carpete» velha, três barras de ferro e duas de madeira com argolas, um clarinete, um tambor e pouco mais, completavam o modesto arsenal dos ambulantes artistas.

Há cinco minutos já que «Trinca-Páu» partira em busca do pequenino e era já a terceira vez que Rosa Gião tentava erguer-se do solo, com a mira de correr ao seu encontro também. Sentindo reanimar-se, pouco a pouco, pôs-se,

finalmente, ao caminho, os pés vertendo sangue, arranha dos pelo mato e urzes do atalho. Já perto do local onde deixara o seu menino, conseguira apenas distinguir «Trinca-Páu» pesquisando, ora relanceando a vista para a direita, ora para a esquerda.

— «Além, além, à direita, ao pé daquela faia!...» gritou-lhe a pobre mãe, inda a uns cem metros dêle. Mas, vendo-o encolher os ombros e abanar a cabeça, um horrível presentimento de repente a assaltou. Correu, como louca, a certificar-se com os próprios olhos e, depois de estender a vista por tôda a vastidão em redor, erma de gente, irrompeu num aflitivo pranto, pousando a cabeça, a soluçar, sôbre o ombro direito de «Trinca-Páu», que a olhava comovido e tentando animá-la:

— «Deixa lá, não chores mais; êle aparecerá a seu tempo! Não descançaremos enquanto o não encontrarmos. Alguém, que, por certo, o supôs engeitado, o levou. Deve estar em bom sítio; talvez em casa de gente de haveres, gente abastada».

— «Deus queira, Deus queira!» murmurava, entre soluços, a pobre mãe, já quasi sorrindo à idéa de que lhe não faltaria a caridosa piedade de uma alma bemfazeja.

— «Mas não, ai não...» — (acrescentava agora, em mais convulsivo choro) — ninguém, ninguém poderá querer-lhe tanto como eu!»

— «Sossega; iremos em sua busca — (insistia de novo «Trinca-Páu» que, a-pesar-de rude, tinha bom coração). Um saltimbanco é um vagabundo que passa em tôdas as portas. Ficarás fazendo parte da nossa companhia, até que êle apareça, queres?»

— «Quero, quero; obrigada». Ciciou Rosa, um pouco mais animada, na esperança de vir a encontrá-lo.

— «Então, vem daí; vou apresentar-te à minha companhia».

Rosa dispunha-se a acompanhá-lo quando, súbitamente, reparou nos sapatos que estavam, no lado oposto do riacho. Lembrou-se, então, do saquinho de meia, contendo o produto da venda do moinho. Olhou melhor... Lá estava, a um metro dos sapatos.

Com certo espanto e agradável surpresa, foi que «Trinca-Páu», neste momento, a ouviu exclamar: — «Vou pa-

gar-te o bem que me fizeste, embora ainda fique a dever-te muito mais. Metade do que está naquele saquinho, além... — (e Rosa apontava com um dedo o local onde ele se encontrava) — perto de oitocentos escudos, é teu. Vê se lá consegues chegar! Mas tem cuidado; se te metes ao rio, levar-te-há a corrente».

— Descança, pequena; — (retorquiu «Trinca-Páu», radiante pela nova e orgulhoso pela sua agilidade) — mal ia a um saltimbanco, como eu, se não fôra capaz de galgar um tão pequeno obstáculo. E, juntando o gesto à palavra, após um pequeno impulso, num segundo transpôs o estreito rio.

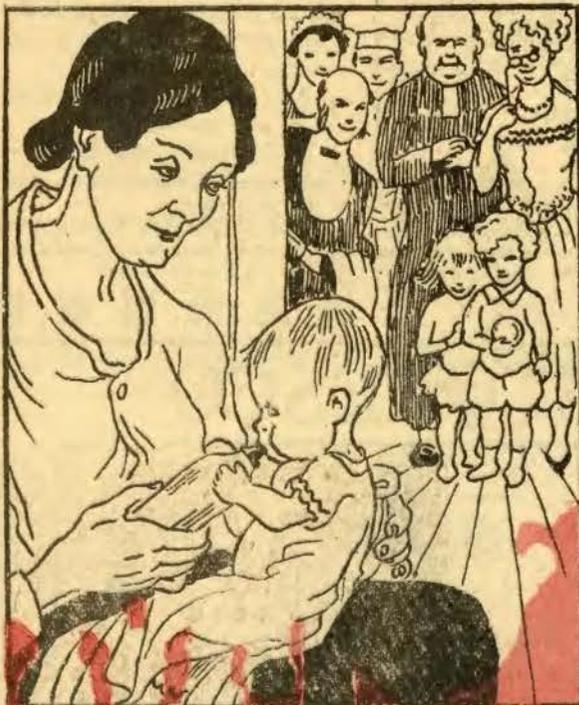
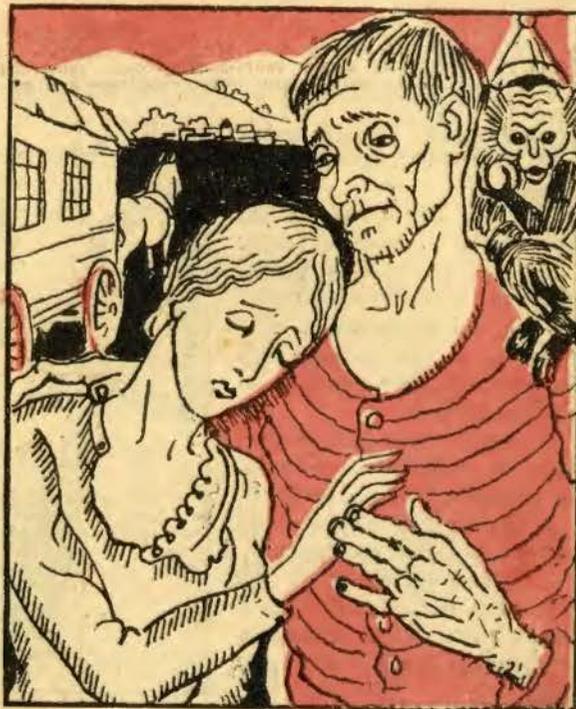
Já com os sapatos e o saquinho na mão, repetiu a façanha, em sentido contrário, tão impossível para Rosa quanto fácil para ele.

Ao receber o saquinho, Rosa, abrindo-o, pegou em quatro notas de cem e entregou-as ao seu salvador que, lambendo os beiços, murmurou galhofeiro: — «Ganhei bem o meu dia! Que Deus que te pague, deparando-te o filho. E é que há-de aparecer; alegre-te cachopa!»

— «Queira o céu. E dar-te-hei tódo o dinheiro que fica, se mo descobrires. São mais trezentos e cincoenta escudos!...»

E, cobiçoso, embora bom, no fundo, «Trinca-Páu» rematou: — «Vem daí, vem daí...»

um atalho, ao fim do qual, a uns vinte metros, Rosa Gião deparou uma carroça atrelada a um macho escanzelado, tendo, à esquerda, um urso amarrado por uma corrente a



Bernarda, com êle ao colo; artificialmente, o amamentava

Era meio dia. O Sol, a pino, punha reflexos de ouro na gorgolejante fita do riacho e longes da planície.

Voltando ao ponto donde haviam partido, cortaram por

Pousando a cabeça, a soluçar sobre ombro direito de «Trinca-Páu» uma árvore, um burro, perto, a pastar, um macaquinho aos saltos e um cão deitado ao sol.

Um rapazito loiro e uma rapariguinha morena batiam, com uma chibata, um grande tapete que empoeirava o espaço, mal deixando ver, nitidamente, o fundo da paisagem.

E começaram as apresentações.

— «Anda cá, ó Micas...» — (chamou «Trinca-Páu» voltando-se para a companheira e, logo, a seguir, para Rosa, cujos olhos, inflamados pelo pranto, ainda lacrimejavam) — como te chamas?!...»

— «Rosa!» disse, tímidamente, a interpelada.

— «A Rosa e a Micas, pronto; já se conhecem!» E explicou à mulher de que se tratava, como a encontrara, como a havia salvo, (valorizando a acção com um *deve-me a vida, olá!* que chocou levemente a sensibilidade de Rosa,) porque ela chorava ainda, e que passaria a fazer parte da companhia, etc..

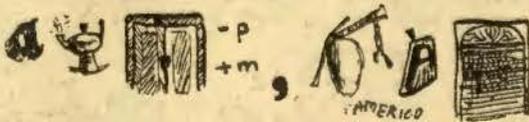
— «Ai, coitadinha!» murmurou «Micas» exagerando a pena que mal sentia.

— «A «Lárica» e o «Espirra-canivetes» — (concluiu «Trinca-Páu») — equilibristas e acrobatas de fama.

— «Não penses mais no muchacho que êle inda há-de aparecer e vamos almoçar. E indicando a mesa de pinho, ao ar livre, ao mesmo tempo que a ela se sentava, bradou bem humorado: — «Comezaina e bela pinga!»

(Continúa no próximo número)

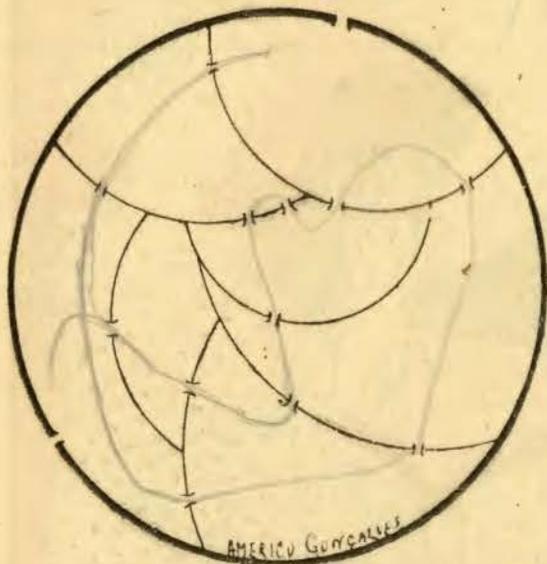
ENIGMAS PITORESCOS



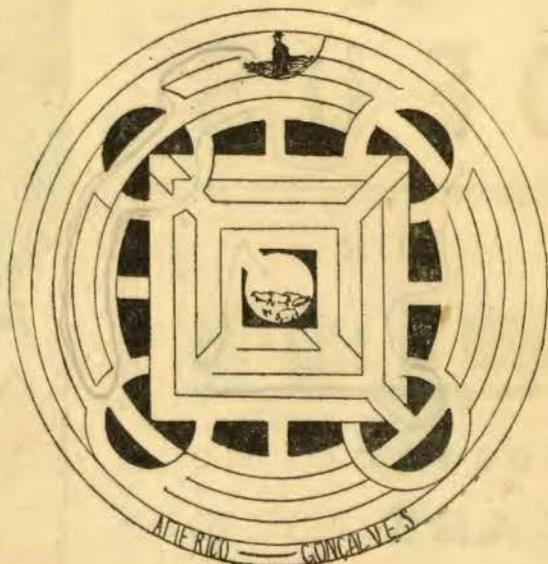
HORA DE RECREIO

PROBLEMA

LABIRINTO



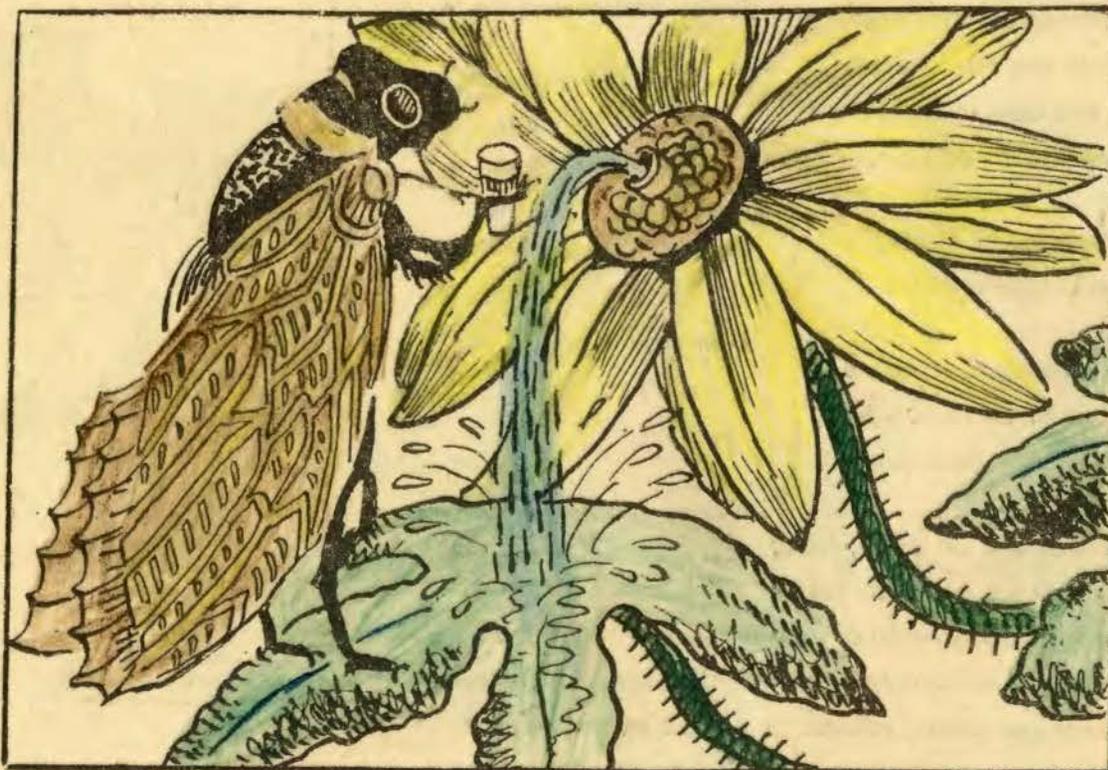
Traçar um risco que atravesse o círculo passando por todas as aberturas internas uma só vez.



O rebanho do pastorinho que vêem no cima da gravura, metendo-se por atalhos, foi parar ao meio d'êste labirinto.

Qual o caminho que o pastor deve seguir para lá chegar, sem perda de tempo?

PARA OS MENINOS COLORIREM

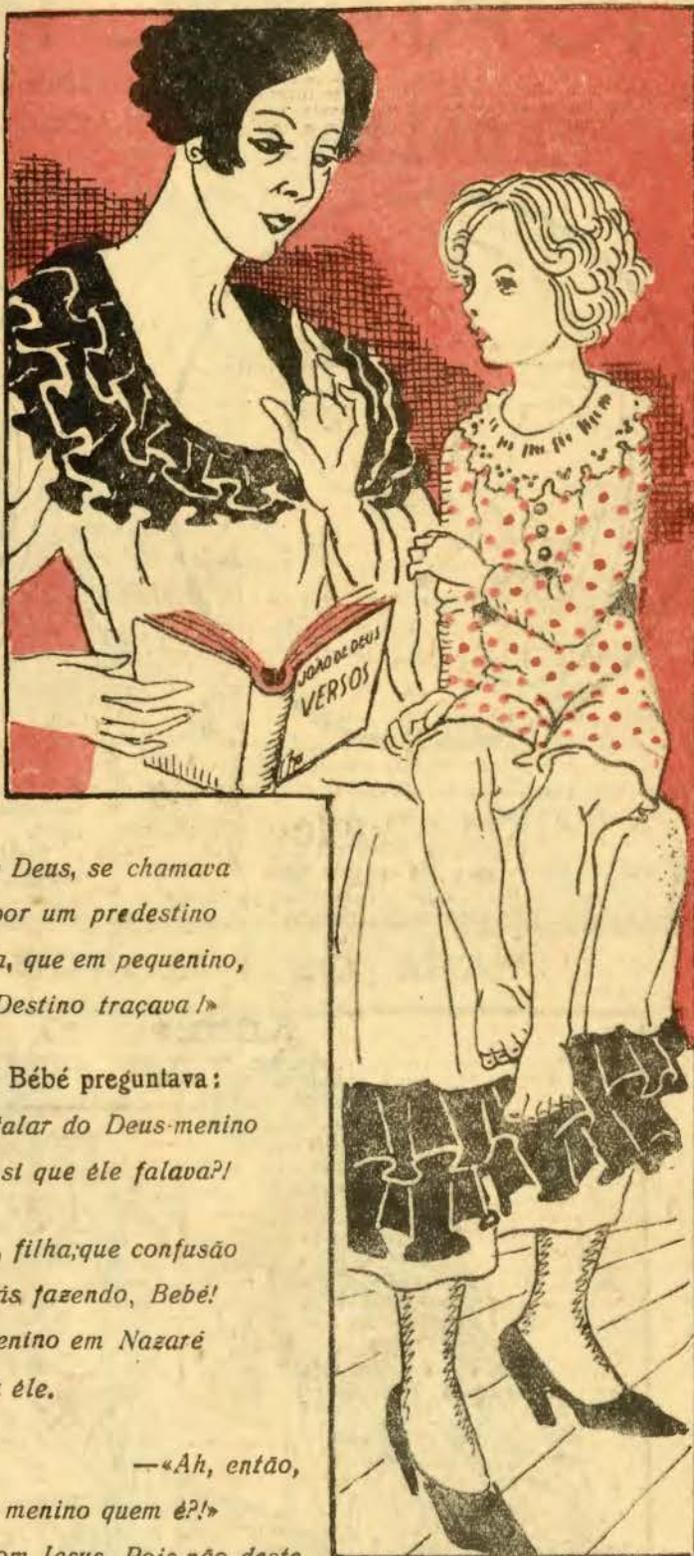


JOÃO DE DEUS

POR

Augusto de Santa-Rita

Desenho de
CASTAÑE



—«Que história linda!...»

Dizia

Bebé à Mãezinha, ouvindo os versos de um livro lindo, cantando mar, terra e céus... e em cuja capa se lia o nome de João de Deus.

Interrompendo a dicção, faz mil perguntas Bébé:

—«Ó mamãzinha porque é que o autor do livro:—João, é de Deus; de Deus porquê?!»

—«Porque era um poeta, filha, e, além de um poeta, um santo! pois não vês no estranho encanto deste livro e da cartilha, por onde aprendeste, quanto seu, génio nos maravilha e há de divino em seu canto!?»

João de Deus, se chamava talvez por um predestino de Fada, que em pequenino, já seu Destino traçava!»

E então Bébé perguntava:

—«Ao falar do Deus-menino era em si que ele falava?!»

—«Não, filha; que confusão que estás fazendo, Bébé! Deus-menino em Nazaré não era ele.

—«Ah, então,

o Deus menino quem é?!»

—«O bom Jesus. Pois não deste atenção ao que eu te li?!»

—«Dei, sim; mas, ao ver aqui o nome que tu me lêste, (Bebé responde) entendi que o Deus menino era este!»

F I M